Uma história paulista do Brasil: identidade regional e história nacional no manual didático *A Linda História de Meu País*

A history of Brazil from São Paulo: regional identity and national history in the textbook *A Linda História de Meu País*

Flávio Raimundo Giarola*

Resumo: Nosso artigo analisa o manual didático *A Linda História de Meu País*, de César Martinez, publicado em 1929. Nosso objetivo é perceber como o autor procurou colocar São Paulo como protagonista da história nacional e como sinônimo do progresso do Brasil. Para isso, utilizou símbolos como os bandeirantes, para defender o papel dos paulistas na construção da nação; valorizou personagens e fatos históricos de São Paulo, em detrimento de outros tradicionalmente expostos na história escolar; e, ao falar do presente, defendeu o estado como centro do desenvolvimento da nação. Em contrapartida, afirmou que seu livro era voltado para o patriotismo e para a valorização da nacionalidade. Concluímos que na obra ocorre a convivência de duas identidades, a regional e a nacional, que o autor buscou, ao invés de polarizá-las, conciliá-las de forma que a paulistanidade fosse vista como condutora da nacionalidade.

Palavras-chave: Identidades. Livro didático. História

Abstract: Our article analyzes the textbook *A Linda História de Meu País*, by César Martinez, published in 1929. Our objective is to understand how the author sought to place São Paulo as the protagonist of national history and synonymous with the progress of Brazil. For this, he used symbols such as the bandeirantes, to defend the role of the paulistas in the construction of the nation; valued characters and historical facts of São Paulo, to the detriment of others traditionally exposed in school history; and, speaking of the present, he defended the state as the center of the nation's development. On the other hand,

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor efetivo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Campus Divinópolis.

he stated that his book was geared towards patriotism and the valorization of nationality. We conclude that in the work there is a coexistence of two identities, regional and national, which the author sought, instead of polarizing them, to reconcile them so that São Paulo was seen as a conductor of nationality.
Keywords: Identities. Textbook. History

Discursos patrióticos e exaltações cívicas foram comuns em livros didáticos de história desde o período monárquico. Américo Brasiliense, em 1876, por exemplo, dizia em seu livro *Lições de História Pátria* que "o estudo da História, a meu ver, faz parte do que se chama instrução cívica" (BRASILENSE, 1876, p. 6). Já no período republicano, podemos citar o trabalho de João Vieira de Almeida, com o sugestivo nome *Pátria*, escrito em 1899. Em seu prefácio, o autor afirmava que a obra "concorrerá, de certo, para despertar o patriotismo, nos corações infantis, que se formam para a pátria e para a sociedade" (ALMEIDA, 1899, p. III). Anos depois, em 1927, o *Seara Patriótica: Prosa e Verso*, de Antônio Faria, afirmava ser seu objetivo "despertar nos aluno o entusiasmo pelos fatos nacionais, o amor pela nossa pátria e pela nossa gente" (FARIA, 1827, p. 5).

Conforme afirma Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2011), desde o início do século XX, diversos autores de livros para os ensinos primário e secundário apostavam na eficácia do ensino de História para a formação de um cidadão adaptado à ordem social e política vigente (FONSECA, 2011, p. 50). Desta forma, a disciplina História, associada à disciplina de Educação Moral e Cívica, após a proclamação da República, tinha o nacionalismo como um dos seus objetivos primários e, por conta disto, difundia narrativas ufanistas que exaltavam os elementos considerados singulares do Brasil. Por outro lado, de acordo com Circe Bittencourt (2018), a História escolar, encarregada de "inventar tradições", procurava sedimentar não apenas nas salas de aula, mas também nas ruas e espaços públicos, por intermédio das "festas cívicas", dos desfiles em que se cultuavam heróis da "pátria" e heróis locais, os oligarcas "fundadores das cidades", os bandeirantes "construtores do imenso território brasileiro". (BITTENCOURT, 2018, p. 137-138).

O patriotismo nos livros didáticos de história está relacionado a um bem sucedido casamento entre o passado, composto de certa mitologia de personagens heróicos e eventos épicos, e a identidade nacional. O amor à pátria, por meio da narrativa histórica, teria como objetivo "fazer crer a si mesmo que se pertence a uma coletividade cujos indivíduos se parecem mais do que em outras partes, nasceram do mesmo solo ou possuem o mesmo sangue desde sempre" (DETIENNE, 2013, p. 96). É o que Benedict Anderson (2008) chamou de necessidade de uma narrativa de identidade, inerente às nações (ANDERSON, 2008, p. 279).

Todavia, ao lado das narrativas nacionalistas, encontram-se as identidades regionais, marcadas pelas particularidades locais, em oposição ou complemento às identidades unitárias. Estas identidades locais possuem os mesmos objetivos das identidades nacionais, tais como gerar o sentimento de coesão, exaltar singularidades e criar um sentimento afetivo com o local.

Desta forma, o presente artigo analisa um livro didático marcado pela convivência de duas identidades e que buscou exaltar a identidade regional paulista diante da identidade nacional. Trata-se de *A Linda História de Meu País*, publicado em 1929, por César Martinez, dedicado ao quarto ano do curso primário e aprovado pela Diretoria Geral de Instrução Pública de São Paulo. Segundo informações de Valter André J. A. Abbeg (2018), Martinez era espanhol, nascido em 1881. Estudou na Escola Normal de São Paulo, na qual foi diplomado em 1900, e, a partir de 1901, atuou como professor na Escola Isolada de Jaú. Em 1915, assumiu a Direção da Escola Normal de Pirassununga. Também atuou como educador no Paraná (ABBEG, 2018, p. 86).

O fato de estar na intersecção entre duas identidades faz com que *A Linda História de Meu País* também esteja dividida entre duas narrativas históricas: a paulista e a nacional. Escrito nos anos 1920, quando o domínio econômico e político da cidade de São Paulo estava sendo colocado a prova por movimentos militares e por cisões políticas, o livro buscava levar para as escolas do estado a identidade regional, que vinha sendo construída desde o século XVIII, com obras como a *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* (1742), de Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Ao mesmo tempo, defendia ser uma obra nacional, reafirmando os vínculos com a identidade nacional, que

vinha sendo difundida desde a fundação do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), em 1838. Para tanto, Martinez fez uma narrativa que se propunha ser sobre a história do Brasil, mas que colocava São Paulo como elemento chave deste passado, responsável pela construção do território e protagonista nos principais acontecimentos históricos da nação.

O autor usava a introdução da obra, intitulada *Ao Leitor*, para defender o seu compromisso com o patriotismo e com a exaltação dos sentimentos nacionais. Segundo Martinez, o ensino de História deveria ser direcionado para a formação da ideia de pátria, para que o aluno se tornasse um bom patriota, convicto de seus direitos e deveres. "O nosso país reclama tal ensino, mais do que nenhum outro. Basta considerar a enorme massa popular, formada de raças as mais diversas, que se infiltra dia a dia no povoamento do solo" (MARTINEZ, 1929, p. 4). A preocupação era com relação aos vários imigrantes que povoavam o Brasil e que, segundo o autor, poderiam ameaçar a constituição da nacionalidade. Assim, propunha uma obra de caráter nacionalista, voltada para o fortalecimento da identidade nacional.

Apesar disto, o livro, que é narrado por meio de um diálogo entre dois estadunidenses, Kendal e Wilson, que visitavam o país, e o Sr. Campos, guia dos dois viajantes, logo de início dedica os seus primeiros capítulos à São Paulo, exaltando as principais características da *urbes* que teria deixado os viajantes encantados. Katia Abud (2004) afirma que, das 251 páginas, 150 abordam temas diretamente ligados à história de São Paulo. A concepção de história do Brasil apontada no livro tem como eixo a história paulista.

> A narrativa da Independência tem como mote a visita ao Museu do Ipiranga. Reformado em 1922, durante a direção de Taunay, a instituição centraliza em São Paulo, o estado da integração nacional, a história da nação. E é como uma epopeia paulista que o senhor Campos, o narrador que acompanha dois norte-americanos de Chicago, conta a eles como o Brasil conquistou a independência política (ABUD, 2004, p. 100).

O tom ufanista é constante na apresentação de São Paulo, destacando a cidade como o centro do progresso nacional, comparável, pelos personagens, à

Chicago. A ideia de que a cidade estava em franco crescimento fica evidente no capítulo *Uma palestra interessante*. Nele o autor relata que:

> No hotel, à mesa, os três personagens continuaram a palestra sobre o histórico da cidade de São Paulo, a terceira da América do Sul em população, e a primeira, se se levar em conta o valor e progresso de suas indústrias. Quanto à população, é possível que ela alcance o Rio de Janeiro e Buenos Aires. Mais de seis mil casas se constroem a cada ano, uma em cada hora (MARTINEZ, 1929, p. 20)

Defendia-se, assim, uma ideia de progresso contínuo, que levaria a cidade a se tornar a maior da América do Sul em um futuro próximo, consolidando também o seu lugar de locomotiva do Brasil. O passado é chamado a todo momento para mostrar que o nível de desenvolvimento alcançado no presente era o resultado de uma rota linear, que começava ainda na fundação da cidade.

Por isso, o texto dá amplo destaque às origens históricas da cidade e do estado de São Paulo e retoma uma postura que foi marcante nas comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Segundo Danilo Ferretti e Maria Helena Capelato (2009), naquela ocasião, buscando representar a superioridade de São Paulo no conjunto do Brasil, a história serviu como arma do jogo político entre poder local e poder central. “Esta postura que identificava o regional (paulista) com o nacional (brasileiro) caracterizava a forma pela qual os intelectuais ligados à elite política de São Paulo pensavam a questão da identidade paulista na passagem do século” (CAPELATO; FERRETTI, 2009, p. 4). Nesta linha, Martinez destaca figuras importantes que se destacavam na fundação de São Paulo e, por conta disto, também mereciam ser rememoradas na história nacional.

O grande nome citado é Martim Afonso. A obra valoriza sua atuação na edificação de São Vicente e, posteriormente, na coordenação da Capitania. O polêmico João Ramalho, português que já se encontrava na região antes do povoamento oficial, é também tido como “fundador” e destacado como personagem importante da mitologia da origem paulista. Destaca-se uma relação de aliança com Martim Afonso, que acaba lhe permitindo a fundação de Santo André. Já Anchieta e Nóbrega, aparecem como os construtores de São

Paulo, que, opulenta já em sua formação, gerou a decadência de Santo André, levando a um conflito entre as cidades vizinhas. Todas estas figuras, vinculadas à gênese do estado de São Paulo, recebem uma visibilidade muito maior no livro do que figuras tradicionalmente ligadas à formação do Brasil, tais como Pedro Álvares Cabral.

Priorizar a história da fundação de São Paulo já é uma estratégia do livro didático para reafirmar uma identidade local que deveria ser reverenciada. No entanto, a intenção maior da obra de César Martinez é mostrar como os paulistas estiveram à frente dos principais movimentos históricos do Brasil. Mais que isto, na obra, implicitamente, São Paulo aparece como construtor da nação, através de uma figura histórica já amplamente cultuada pelos intelectuais locais, o bandeirante.

Segundo Kátia Abud (1985) a consolidação do bandeirante como referência histórica regional se dá entre 1890 e 1930, pois, ao mesmo tempo em que o personagem permitia pensar as qualidades de arrojo, progresso e riqueza que São Paulo possuía, ele também representava o processo de integração territorial que dera sentido à unidade nacional. Como símbolo, o bandeirante representava, de um lado, a lealdade ao estado e, de outro, a lealdade à nação, e permitia também, com a significação que os estudos históricos do período lhe deram, que uma parcela da população, a dos imigrantes, se integrassem emocionalmente a São Paulo, na medida em que uma das vertentes dos estudos sobre o bandeirismo deu ênfase à miscigenação. Ainda segundo a autora supracitada, a eleição do bandeirante como símbolo paulista trouxe, para o público mais erudito, de novo as obras de Frei Gaspar de Madre de Deus e de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que foram os primeiros a procurar criar uma identificação com o solo paulista. Os traços com os quais aqueles dois historiadores, ainda no século XVIII, desenharam o bandeirante - nobreza, valor, coragem, superioridade racial - voltaram a se repetir nas primeiras décadas do século XX. Mais fortes em uns, mais fracos em outros, as linhas do contorno bandeirista reapareceram para simbolizar não só, uma elite política, mas também para justificar o predomínio dessa elite, sobre todo o Brasil, identificando o estado à Nação (ABUD, 1985, p. 103-104).

Martinez parece ter tido isto em mente ao mostrar a expansão do território nacional como um empreendimento realizado pelos bandeirantes, uma espécie de alargamento de São Paulo. Sobre os caminhos que ligavam o Brasil, dizia que por eles "transitaram caravanas de bandeirantes que, explorando o ouro que enriqueceu Portugal, alargaram as terras do Brasil" (MARTINEZ, 1929, p. 72).

Ao falar sobre Cuiabá, dizia que tal cidade era resultado das aventuras bandeirantes:

> Grande e incomparável ousadia caracterizou a raça dos bandeirantes!
>
> Como puderam estes tigres das florestas alcançar lugar tão longínquo e aí assentar as bases de uma cidade que se perpetuou através dos tempos?
>
> É preciso considerar a enorme distância que a separa de São Paulo – mais de 2 mil quilômetros – e que naquela época essa paragem era um grande sertão impenetrável, morada de inúmeras tribos selvagens, guerreiras e indomáveis (MARTINEZ, 1929, p. 146)

Apesar de citar o ouro como impulsionador do expansionismo bandeirante, o autor afirma que a conquista de novos territórios havia sido premeditada, havia um desejo de "alargarem as fronteiras da pátria para que outros aventureiros, os espanhóis, não avançassem para o lado do Norte e do Ocidente e tomassem posse da maior porção da América do Sul" (MARTINEZ, 1929, p. 146). Assim, concluía que Cuiabá devia sua formação a um paulista, Moreira Cabral, dando novamente a ideia de que São Paulo era o centro a partir de onde havia se construído o Brasil.

Como era de se esperar, Minas Gerais também é representada como obra bandeirante. Apesar de citar os baianos, a povoação da região teria sido conduzida principalmente pelos paulistas. "Fernão Dias Paes Leme foi o verdadeiro descobridor das Minas, tendo percorrido quase todo o território mineiro" (MARTINEZ, 1929, p. 211). O desbravador paulista teria aberto o caminho para novos exploradores, atraindo forasteiros de outras regiões. É neste momento que a narrativa fala da Guerra dos Emboabas. O manual didático analisa a guerra como uma luta ente os legítimos proprietários das minas, os paulistas, contra invasores atraídos apenas pela cobiça. As punições

dadas pelos paulistas, após a guerra, não são mencionadas, apenas citando que houve a separação entre as capitanias. Apesar de ser um livro voltado para estudantes, o que não permitia um espaço para uma longa divagação sobre o assunto, é curioso que a postura de Martinez se aproximasse da de J. Soares de Mello que, no mesmo ano de publicação de *A Linda História de Meu País*, publicou *Emboabas: crônica de uma revolução nativista*, no qual se fazia uma apologia dos homens do Planalto de Piratininga, os legítimos representantes da nação brasileira, em oposição aos emboabas, sinônimo de reinol e português (ROMEIRO, 2008, p. 20). Desta forma, o manual didático seguia todo um roteiro historiográfico pró-paulistas difundido entre os intelectuais do estado.

São Paulo também aparece no processo de ocupação dos estados do Sul. Segundo o autor, "do lado de Santa Catarina e Rio Grande, portugueses e paulistas foram se instalando, uns no litoral, outros no interior" (MARTINEZ, 1929, p. 218). Os primeiros exploradores da região haviam saído de São Paulo e devia-se a eles a vitória sobre os espanhóis e indígenas que disputavam a posse do território. Os bandeirantes contribuíram decisivamente na expedição de Manuel Lobo para garantir aquelas terras para Portugal e também participaram da criação da colônia de Sacramento.

Ao contrário de muitos textos regionalistas do período, que destacavam a constituição mameluca do bandeirante, o livro didático não fazia menção ao assunto. Contudo, reconhecia a contribuição do indígena para a indicação dos caminhos a serem percorridos no processo de expansão paulista. "Quem traçou os primeiros caminhos em nossas terras foi o indígena. O índio guiou os povoadores de São Paulo de Piratininga, primeiros missionários que demandaram o sertão bruto" (MARTINEZ, 1929, p.71). Porém, a referência ao índio é muito pequena, quase nula, se comparada ao peso dado aos bandeirantes.

Outro elemento importante, saído de São Paulo, e que havia auxiliado no crescimento territorial do Brasil fora os tropeiros. Martinez destaca que, através do comércio, o tropeiro ergueu "pousos à beira dos trilhos, semeou povoados, muitos dos quais se transformaram em cidades" (MARTINEZ, 1929, p. 71). Estes foram responsáveis pela proliferação de várias cidades paulistas, além de terem chegado no Mato Grosso, Triângulo Mineiro, Rio Grande e Paranaíba.

Adiante, as ferrovias iriam continuar esta missão de São Paulo de coordenador e impulsionador do comércio nacional.

Sobre o Nordeste, a menção a São Paulo é para mostrar a superioridade que o sul havia adquirido sobre o norte. Apesar de tecer elogios aos "nortistas", afirma que a região ficou algum tempo estacionária. Desta forma:

> O Norte cedeu ao Sul a realeza do progresso. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, alcançaram-no e sobrepujaram-no.
> Do vasto território do governo de São Paulo surgiram as capitanias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, todas elas em franco desenvolvimento (MARTINEZ, 1929, p.185-186).

Novamente, os paulistas são inseridos na história e na geografia nacional para exaltar sua superioridade e seu espírito progressista. Com isso, somente na descrição da região norte não se faz nenhuma referência a São Paulo. Em todas as demais, os paulistas aparecem ou como aventureiros expansionistas ou como contraste de progresso.

Outro mecanismo utilizado pelo autor para exaltar a história paulista mediante a história nacional é o uso de figuras históricas célebres. Vários nomes de paulistas importantes são destacados no livro para valorizar o protagonismo do estado no passado do Brasil. Entre eles está José Bonifácio. Se a independência do país já está intrinsecamente relacionada a São Paulo, por conta do "grito do Ipiranga", o uso da biografia de José Bonifácio permite ampliar a participação do estado em tal movimento. Tanto é que existe todo um capítulo dedicado ao "patriarca da independência", não ocorrendo o mesmo para Dom Pedro I.

O livro destaca a atuação de Bonifácio antes da cisão com Portugal, através da redação da representação paulista que pedia a permanência de Pedro I no Brasil. Em seguida, o texto o coloca a frente do movimento que levou à independência, mostrando-o como principal coordenador do feito:

> José Bonifácio conduziu os acontecimentos com rara habilidade. Nomeado Ministro do Reino pôde agir com mais desembaraço.
> O grito do Ipiranga foi a sua grande, a sua inecedível vitória (MARTINEZ, 1929, p. 161).

Desta forma, é São Paulo, na figura de Bonifácio, que teria dado a independência ao Brasil. O autor ainda narra o papel preponderante dos irmãos Andrada após o 7 de Setembro, lamentando sua prisão e desterro durante a Constituinte. Por fim, destaca a participação de Bonifácio na educação de Pedro II, deixando entrever a contribuição do mesmo para o período que se iniciaria em seguida.

Da mesma forma que São Paulo é associado à independência, também ocorre um esforço para ligar o estado ao pensamento republicano. Vale destacar que o livro adota uma postura anti-monarquista, chegando a afirmar que "o povo brasileiro, porém, nunca foi amante da monarquia; seus ideais foram sempre republicanos" (MARTINEZ, 1929, p. 182). Por conta disto, destaca que Minas, São Paulo e todo o sul já ardiam em desejos republicanos ainda no Império.

Apesar de São Paulo ter sido palco para a atuação de monarquistas importantes como Eduardo Prado, é inegável que a tradição republicana tinha um longo passado na região. Segundo José Ênio Casalecchi (1987),

> Não foi mero acaso encontrar-se em São Paulo o mais forte e unido Partido de oposição à Monarquia: o republicanismo. O desenvolvimento material pedia na década de 1860 algumas providências. Entre elas, com destaque, a necessidade de desenvolver o "espírito associativo dos paulistas" para se defenderem das mazelas resultantes da centralização monárquica (CASALECCHI, 1987, p. 47).

Era a este passado republicano que César Martinez recorria para reduzir ao mínimo a importância da monarquia na história do país. No capítulo dedicado ao regime monárquico, utiliza-se apenas quatro parágrafos para falar do Segundo Reinado. Para Dom Pedro II é dedicada quase a mesma quantidade de linhas usadas para se referir ao paulista Diogo Feijó, "que assinalados serviços prestou à causa do Brasil" (MARTINEZ, 1929, p. 181).

Martinez também destaca os paulistas na condução da República, após os primeiros governos militares. Importante que, ao contrário da maioria dos demais personagens históricos, aqueles que são do estado de São Paulo tem sempre ressaltada sua naturalidade. É o que é feito com Prudente de Morais,

"paulista, natural de Piracicaba, notável pelo seu talento e probidade" (MARTINEZ, 1929, p. 190). O primeiro presidente civil do Brasil é visto como um pacificador. O livro destaca as agitações que ocorriam por todo o país, como a Revolução Federalista no sul, o surgimento de Canudos na Bahia e manifestações na capital federal. Com habilidade política e militar, Morais conseguira vencer as rebeliões, mesmo diante da tentativa de assassinato sofrida na recepção das tropas de Canudos.[1] "Deu o grande paulista sobejas provas de civismo. O seu governo consolidou a República" (MARTINEZ, 1929, p. 191).

Em seguida, o texto destaca o governo de Campos Salles, também paulista. De acordo com Margarida de Souza Neves (2010),

> Ao assumir a presidência da República, Campos Salles fez coincidir o desenho republicano com os interesses dos setores econômicos que o haviam conduzido ao Catete. As questões financeiras foram encaminhadas pela via do endividamento externo negociado através do *funding loan*; do ponto de vista econômico, o desemprego, a estagnação econômica e a alta dos preços foram a tônica das diretrizes impressas pelo ministro da Fazenda Joaquim Murtinho; as greves se multiplicaram no Rio de Janeiro e em São Paulo como resposta à crise foram objeto de forte repressão, e a República brasileira encontrou seu fundamento na consolidação de uma lógica fortemente excludente e hierarquizada (NEVES, 2010, p. 37).

De fato, Martinez ressalta os feitos econômicos de Campos Salles. Porém, não se faz nenhum tipo de crítica ao presidente, ao contrário, atribui a crise financeira aos movimentos rebeldes dos anos anteriores. Salles "cuidou, pois, de erguer o país, incrementando a sua produção, equilibrando as despesas, fazendo tudo quanto enfim era preciso para saldar os seus compromissos e restabelecer, portanto, o crédito" (MARTINEZ, 1929, p. 191). Além disto, o manual didático afirma que Campos Salles também tinha se destacado na política exterior, mantendo boas relações com países da América e da Europa. A admiração do autor chega ao ponto de afirmar que, para o povo, Salles era o principal estadista de nossa história: "Campos Salles foi uma das figuras mais brilhantes

[1] No dia 5 de novembro de 1897, no momento em que desembarcavam os combatentes de Canudos, ocorreu um atentado contra o presidente, que acabou resultando na morte do Ministro Machado Bittencourt (JANOTTI, 1986, p. 158).

de estadista. Morreu pobre, mas venerado pelo povo, que o considera até hoje como o mais perfeito homem de governo do Brasil" (MARTINEZ, 1929, p. 192).

Rodrigues Alves, paulista de Guaratinguetá, é destacado pelas obras de infra-estrutura realizadas em seu governo. "Durante o governo de Rodrigues Alves o Brasil tomou extraordinário impulso, prosperando de modo notável" (MARTINEZ, 1929, p. 193). A ele é atribuído o controle das epidemias no Rio de Janeiro. A importância dada ao presidente é tanta que um capítulo especial é dedicado ao assunto. Martinez mostra uma capital assolada por doenças e com uma urbanização ultrapassada. "Rodrigues Alves, o grande presidente, resolveu salvar a capital do país destas calamidades". Oswaldo Cruz é representado apenas como um cumpridor de ordens do presidente. A Revolta da Vacina nem sequer é mencionada no texto, a campanha saneadora é um sucesso nas páginas do manual didático, graças à iniciativa do presidente paulista. O capítulo em questão é intitulado *Um sábio brasileiro*, mas deixa a dúvida no leitor se o sábio seria o presidente ou Oswaldo Cruz. O capítulo serve para enfatizar a intervenção de São Paulo também no Rio de Janeiro, como já havia sido descrito em outras partes do país.

Com tantas linhas dedicadas aos três presidentes paulistas, após Rodrigues Alves, nenhum outro será destacado até o governo de Washington Luís. De Afonso Pena, apenas é citado o fato de seu falecimento no exercício do cargo. De Nilo Peçanha, temos apenas a informação de que era vice de Pena. Em seguida, é feita uma lista, sem nenhuma referência a feitos importantes:

> Sucessivamente governaram o Brasil: marechal Hermes da Fonseca, falecido; Venceslau Brás, Delfim Moreira, na qualidade de vice-presidente, visto ter falecido Rodrigues Alves, que novamente fora eleito presidente da República; Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes (MARTINEZ, 1929, p. 164).

Com exceção de Rodrigues Alves, ao qual já haviam sido dedicadas várias linhas, todos são presidentes de outros estados, o que fez com que o autor não julgasse necessário se alongar nos comentários.

Já com relação ao último presidente eleito, até a data da publicação do livro, Washington Luís, outro paulista, ocorre uma nova sucessão de elogios. Para Martinez, o presidente era "figura de relevo nas altas administrações, de

um caráter firme e de uma retidão que o colocam entre os mais notáveis dos estadistas brasileiros" (MARTINEZ, 1929, p. 195). Seu governo, como nos dos demais presidentes paulistas, era marcado pela estabilidade e pelo progresso, qualidades que pareciam inerentes àqueles saídos de São Paulo. Com Washington Luís, "gozou o Brasil de completa paz, razão porque se acentuou de um modo notável a sua prosperidade" (MARTINEZ, 1929, p. 195).

Portanto, ao destacar os presidentes naturais de São Paulo e fazer poucas referências aos demais políticos, sejam eles presidentes nascidos em outros estados ou o próprio imperador Dom Pedro II, o manual didático procurava atribuir aos paulistas o mérito de terem organizado politicamente a nação. Os principais estadistas haviam saído do mais importante estado do Brasil e, por isso, tinham contribuído de forma positiva para o engrandecimento da nação.

Se São Paulo era importante para o passado do Brasil, o mesmo ocorria no presente. A obra de César Martinez aponta, sobretudo, os aspectos econômicos que colocavam o estado como o mais relevante da nação. No capítulo *O Brasil de hoje e de amanhã*, os personagens do livro voltam a São Paulo e visitam diversas atividades econômicas da região: a metalurgia em Ribeirão Preto, um matadouro em Barretos, além de engenhos, lavouras de algodão, arroz, fumo, frutos, etc. O Brasil de hoje e de amanhã era, assim, São Paulo. É verdade que em seguida se destaca outras atividades de outros estados, mas são todas resumidas a pequenos parágrafos.

O livro também menciona o peso da produção de café na economia do país. Como poderia se esperar, São Paulo também é destaque:

> São Paulo é, por excelência, a terra do café. Embora outros Estados do Brasil possuam essa cultura, São Paulo é assim denominado por ter as maiores e as mais ricas lavouras. Da produção total de dezoito milhões de sacas, doze milhões cabem aos lavradores paulistas (MARTINEZ, 1929, p. 127).

Em seguida, através do personagem Campos, afirma-se que o "progresso do Brasil é obra quase que exclusiva do café" (MARTINEZ, 1929, p. 127). Ou seja, se São Paulo liderava a produção de café e o café carregava o progresso, não ficava difícil para o aluno que lia o livro associar o progresso do Brasil ao estado. O café paulista era responsável pelas estradas de ferro, pela

modernização dos portos e pelas manufaturas. Mais um feito de São Paulo para o crescimento do país.

Além disto, as cidades paulistas produtoras de café são representadas como pólos de civilização e modernidade. Lugares que, antes tomadas pelas matas, viram erguer cidades prósperas. "O café desbravou este sertão, criou as mais belas fazendas, realizou fortunas incalculáveis e concorreu para o avanço de nosso progresso" (MARTINEZ, 1929, p. 129). Também associadas ao café estavam as ferrovias, que se espalhavam pelo estado, dando mais uma mostra do espírito de ousadia e constância do paulista.

Conforme Abud (2004),

> Para que as crianças compreendessem a "linda história de seu país", o mito bandeirante se reelabora: do planalto de Piratininga, onde se forjou o mapa do Brasil, de onde saíram os desbravadores, que levaram as civilizações para os sertões e que superaram os obstáculos da mata adentro, descobrindo as riquezas entranhadas, forjava-se no século XX uma nova civilização. (ABUD, 2004, p. 8)

Em síntese, todo o livro é marcado pela exaltação de São Paulo como região chave para se entender a história do Brasil e, ao mesmo tempo, como agente do progresso presente e futuro da nação. Destaca-se uma identidade regional que deveria ser levada para as salas de aula do estado, ao lado da identidade nacional. Mas isto era feito de forma implícita. Tanto é que, no final do livro, o autor volta a fazer o que havia feito no prefácio, discutir a necessidade do patriotismo e do nacionalismo: "amemos o Brasil, servindo-o, concorrendo-o para a sua felicidade, trabalhando para a sua grandeza" (MARTINEZ, 1929, p. 249). Também conclui pedindo para que se apoiassem os políticos, tendo confiança na sua atuação. Tal pedido é coerente com a proposta do manual didático que ou omite ou desmerece todas as revoltas que haviam ocorrido na história do país, ao mesmo tempo em que cria um verdadeiro panteão de heróis políticos, dos quais os paulistas estavam no topo.

A análise do livro *A linda história do meu país* nos permite algumas conclusões importantes. A primeira refere-se ao papel do livro didático na construção de identidades, ao destacar as singularidades do país e de São Paulo.

Nos anos finais da década de 1920, ainda era imperativo o fortalecimento de sentimentos que incutissem nos futuros cidadãos o respeito às instituições e ao sistema político. Não é por acaso que o republicanismo é destacado no manual, em oposição à monarquia.

Por outro lado, também se destaca uma história política, feita por estadistas e grandes homens, que ofuscam qualquer participação popular. Indígenas são citados como figurantes ou antagonistas, escravos e ex-escravos são excluídos da narrativa e movimentos populares são ofuscados. Não se diferenciava muito do que Circe Bittencourt (1993) percebeu para os livros didáticos do século XIX: "a produção da História do Brasil limitara-se a criar um tipo de nacionalismo onde aliava-se Estado-nação e excluía-se o povo" (BITTENCOURT, 1993, p. 220)

No entanto, o principal ponto a ser percebido no livro de César Martinez é o choque identitário entre a região e a nação. Por mais que fique evidente na obra que a identidade regional pesava muito mais do que a nacional, as constantes referências ao patriotismo mostram que a intenção do autor era colocar a identidade paulista no mesmo patamar da identidade nacional. Não se propõe um conflito no qual as duas identidades fossem vistas pelo aluno como opostas. O que se propõe ao estudante é a valorização de uma paulistanidade que conduz à nacionalidade. O texto reconhece a ideia de uma identidade nacional unificada, na qual todos os membros da nação pertencem a uma mesma grande família nacional (HALL, 2011, p. 60). Todavia, dentro desta família, os paulistas eram as figuras centrais, o que reflete identidades específicas dentro da identidade nacional.

Sendo assim, ao ler o livro, o aluno paulista teria tanto orgulho de seu estado quanto tinha de seu país. Dali os bandeirantes haviam alargado o território nacional; a independência do país era obra dos paulistas; os grandes nomes da política brasileira eram de São Paulo; o estado havia consolidado a república por meio dos presidentes que fornecera à nação; a economia do país era movimentada pela cafeicultura paulista. Em suma, a história pátria se confundia com a história local.

Para Capelato e Ferretti (1999), a partir dos anos 1920, a hegemonia política e econômica de São Paulo passou a ser cada vez mais contestada, o que

fez com que se investisse ainda mais na identificação de São Paulo como cerne e construtor da nacionalidade autêntica (CAPELATO; FERRETTI, 1999, p. 14). O livro de César Martinez representa este esforço identitário no âmbito da educação. O manual didático mostraria aos estudantes que o Brasil devia muito mais a São Paulo do que aos demais estados da federação, reforçando um orgulho regionalista e firmando uma identidade a parte que, pouco mais tarde, iria ser exibida no levante de 1932.

Referências bibliográficas:

ABBEG, Valter André Jonathan Osvaldo. ***Pro Brasilia Fiant Eximia*:** paulistanidade impressa em livros didáticos aprovados no Estado de São Paulo (1911-1937). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, 2018.

ABUD, Kátia Maria. **O sangue intimorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante)**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, SP, 1985.

ABUD, Kátia Maria. Progresso e Trabalho: da vila bandeirantista à Chicago brasileira. **Revista USP**, n. 63, p.94-101, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALMEIDA, José Vieira de. **Pátria:** livro dedicado à mocidade brasileira. São Paulo: Casa Eclética, 1899.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Livro didático e conhecimento histórico:** uma história do saber escolar. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1993.

BITTENCOURT, Circe M. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

BRASILIENSE, Américo. **Lições de História Pátria.** São Paulo: Tipografia da Província, 1876.

CAPELATO, Maria H.R; FERRETTI, Danilo J.Z.;. João Ramalho e as origens da nação: os paulistas na comemoração do IV centenário da descoberta do Brasil. **Revista Tempo**, v. 4, n. 8, p. 01-08, 1999.

CASALECCHI, José Ênio. **O Partido Republicano Paulista (1889-1926)**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FARIA, Antônio. **Seara Patriótica:** Prosa e Verso. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1927.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARTINEZ, César. **A Linda História de Meu País**. São Paulo: Livraria Alves, 1929.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano:** o tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 13-44.

ROMEIRO, Adriana. **Paulistas e emboabas no coração das Minas:** ideias, práticas e imaginário político no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Recebido em Julho de 2021
Aprovado em Setembro de 2021